

SER FELIZ: REFLEXÕES SOBRE A FELICIDADE E SEUS IMPERATIVOS

Adelson Matias Souza¹

Cremilda Rodrigues de Oliveira²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo compreender os dilemas do ser humano na contemporaneidade, na busca da felicidade em face de seu desejo incessante de experimentar e apreender a vida em sua totalidade. Tarefa espinhosa que transcende às demandas humanas de preencher o seu vazio existencial. Além de investigar as proposições teóricas- eudaimônicas e existencialistas de felicidade embasadas em Sócrates, Platão, Aristóteles, Epicuro, Sponville, Freud e outros; analisa-se a; e a confronta como produto da produção alienável, da imposição social e da compulsão pelo consumismo. Existe a vida feliz? A felicidade é um bem supremo? É possível o viver feliz sem as imposições e as pressões externas? São algumas das questões que pretendemos refletir com o presente estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Felicidade; Fontes de felicidade; Vazio existencial; Imperativos sociais.

ABSTRACT

This article has as its goals to understand the dilemmas human being's dilemmas in the contemporary world, finding out for happiness in the face of his incessant desire to experience and apprehend life in its totality. It is a thorny task that transcends the human demands to fill its existential emptiness. In addition to investigate the theoretical-eudaimonic and existentialist propositions of happiness based on Socrates, Platao, Aristotle, Epicurus, Sponville, Freud and others; Is analyzed; And confronts it as the product of alienable production, social imposition and compulsion for consumerism. Is there a happy life? Is happiness a supreme good? Is it possible to live happily without external impositions and pressures? These are some questions that we intend to reflect with this study.

KEYWORDS: Happiness; Sources of happiness; Existential vacuum; Social imperatives

1 Introdução

A concepção do ser humano, de forma natural, inicia-se com a disputa entre milhões de espermatozoides a procura de um óvulo escondido. O tempo, a agilidade, força e sorte neste momento, são os fatores essenciais para o sucesso do futuro espermatozoide vencedor. Após as múltiplas dificuldades enfrentadas durante esse percurso, o espermatozoide mais

¹ Licenciado em pedagoga – UBRA e Artes Visuais- UNB, pós graduado em Gestão Escolar – UNIR, pós graduado em Filosofia UCAM. amatiassouza@gmail.com.

² Licenciado em Pedagogia -UBRA, pós graduada em Gestão Escolar –UNIR, pós Graduada em Filosofia-UCAM e acadêmica do curso de Educação Física UNIR. crecremilda33@gmail.com.

forte, mais esperto, mais ágil, que consegue penetrar num óvulo, fechará as portas para os outros. A batalha pela sobrevivência inicia-se, e o óvulo fecundado, dividir-se-á multiplicando-se simultaneamente; caminhando em direção ao objetivo final que é a implantação no útero materno. Este novo “ser”, apenas celular, começará a “parasitar” a sua mãe, para se desenvolver e suprir suas necessidades de sobrevivência.

Para alcançar seu pseudo paraíso, “atitudes instintivas” estão inscritas numa célula (zigoto); como correr contra o tempo, derrotar milhares, brigar pela vida e competir para ser o melhor. Mesmo no útero protegido, após de ter conseguido todas as vitórias, tem como recompensa o direito de até nove meses parasitar sua progenitora, mas após este ciclo, será expulso da zona de conforto para conhecer uma nova realidade; - é, pois, o momento de confrontar-se com a “dureza” da realidade.

Expulso do útero materno, o pequeno ser não conseguirá sobreviver sozinho, diferentemente de muitos animais, dependerá por alguns anos de outro humano. Porém, sentem suas necessidades, mas não sabe falar, locomover e não conhece sua realidade; mas mesmo assim, seu instinto lhe diz que precisa de algo, que tem necessidades, e luta para conseguir isso com as armas que tem. Doravante, o existir promove novas experiências constantes, desde a sua concepção até sua morte. É a força da hereditariedade, somada à interação, aos contatos sociais e às experiências vivenciadas quem dará o tom da realização pessoal. Em pauta, o projeto individual de felicidade.

Todo ser humano deseja ser feliz. É sua herança genética. Posto que, todos os atos humanos têm como fim último, à felicidade; a sua maneira, acertando e errando aqui e acolá, tentará encontrar os meios para atingir este propósito em comportamentos louváveis e nobres, como também reprováveis e autodestrutivos.

Apresentada tal necessidade, passamos a discorrer sobre a felicidade e seus diversos entendimentos e implicações; sem esquecer suas fontes, e o agir humano mais adequável a sua conquista.

2 A felicidade como necessidade intrínseca humana: alcances e (in/res) significações

Seguramente, a felicidade representa um dos maiores anseios do ser humano. Buscar, ser feliz constitui sua grande obstinação. Das cosmogonias mitológicas, passando pelo temor ao divino, chegando-se à cosmologia, ao uso da ética e à equidade social, não há linha no horizonte que aponte para a realização plena que prescindia da felicidade: abordada,

destrinchada e esquadrinhada por poetas, pensadores filósofos, cientistas, psiquiatras e guias autoridades espirituais ela esta na ordem do dia e o mundo contemporâneo oferece diversas fórmulas para desfrutá-la: posses de bens materiais, consumo exacerbado, amor livre, sucesso, reconhecimento, etc. Perseguir, descobrir e encontrar a felicidade; prescrevê-la como panacea, virou uma festa de especialistas e amadores.

(...) as rotas para a vida feliz proliferam na mesma medida em que surgem conceituações e especialistas, dos mais variados campos de conhecimento, com proposições sobre os melhores meios, técnicas, ferramentas e modos de ser que garantam a otimização da experiência da felicidade. (FREIRE FILHO (2010a, *apud* VOLOTÃO, 2015).

Felicidade é uma palavra polissêmica que adquiriu diferentes significados na história da civilização humana. De acordo com o Dicionário Michaelis³ o termo felicidade provém do Latim FELICITAS, originando o substantivo FELIX, [feliz], que traduz: a) Estado de espírito de quem se encontra alegre ou satisfeito; alegria, contentamento, fortúnio (sic), júbilo; b) Acontecimento ou situação feliz ou alegre; sorte, sucesso, ventura.

Em ambas as situações, vê-se uma sensação de bem-estar e contentamento, que pode ocorrer por uma espécie de sorte.

3 A felicidade como vontade divina, e bem supremo

Na Antiga Grécia, no período mitológico a felicidade era tida como graça divina. Eudaimonia⁴ resultante da vontade e do querer dos deuses. Era como um presente, uma doação dos deuses para os homens como uma força para conduzir seus espíritos na direção do contentamento. Como desígnio divino, o júbilo poderia ser retirado dos humanos quando eles, os deuses assim o quisessem. Contíguas às cosmogêneses, ou cosmogonias gregas, vemos a ideia de sorte, de graça distribuída; mas, a felicidade ali esta sempre colocada como algo instável e sujeito às vontades inconstantes e interesseiras dos deuses do panteão grego.

Predominando a crença nos seres e divindades; a felicidade provém do conforto espiritual, ela brota da força e da sensibilização que o mito exerce nas estruturas mais profundas do psiquismo humano. É por meio dos ritos sagrados que se dá sentido à vida. A

³ Dicionário Michaelis. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=wOXv>. Acesso em 27/01/12

⁴ Eudaimonia. Sendo a junção entre eu (bom) e daimon (deus, espírito ou demônio), eudaimonia indica uma vida bem-sucedida, afortunada. Relacionada à ideia de sorte, a eudaimonia compreende no daimon uma força superior que conduz o indivíduo a determinada direção (MCMAHON, 2006). MCMAHON, Darrin M. Felicidade: uma história. São Paulo: Globo, 2006. Disponível em: <https://www.google.com.br/#> Acesso em 29/01/17.

felicidade nessa perspectiva é fruto da aceitação, da harmonia e da aliança entre os humanos e os seres sobrenaturais.

Sucedendo o cenário mítico, os denominados filósofos pré-socráticos com seu projeto de conhecer os fundamentos das coisas (arché), serão os primeiros a introduzir o uso da razão (cosmologia) para conhecer a realidade.

A passagem do mito ao logos permitirá o surgimento da pólis, que entendida como criação dos próprios homens (e não dos deuses), tem na razão juntamente com o conhecimento intelectual e a consciência moral, os valores máximos da felicidade; isto é das virtudes coletivas, cívico-morais.

O pensamento clássico, representado por Sócrates, Platão e Aristóteles permitirá refletir sobre um novo modelo de felicidade, a saber: a ética eudemonista e o conhecimento.

Para Sócrates, a garantia de felicidade estava no conhecimento/sabedoria. A vida feliz adquirida por intermédio do questionamento e da reflexão seria, portanto uma aspiração natural do homem. Os caminhos para encontrá-la; portanto, seriam comportamentais e intelectuais (virtudes cívicas, éticas e morais), que no seu entendimento resultariam num processo coletivo a ser alcançado em conjunto com os demais cidadãos. COTRIM; FERNANDES, 2013, p.19). A prática das virtudes morais e éticas, quando voltadas para a comunidade, seria a felicidade do homem para aquele sábio.

Platão, discípulo de Sócrates irá dizer que a felicidade estaria na busca do Bem e do Belo. Tais atributos, segundo acreditava somente estão presentes no mundo inteligível que em oposição ao mundo das aparências permitiria alcançar a verdade; isto é, o conhecimento verdadeiro. Harmonizando as três almas (concupiscente), (irascível), e (racional), através da dialética, poderia se progressivamente chegar ao conhecimento do bem. Este na sua visão era gerador de bondade; logo equivalia a felicidade. (Ibidem, p. 22).

Corroborando as ideias dos seus mestres, Aristóteles acreditava que os seres atingem seu fim máximo, (Télos), quando cumprem uma determinada função. Assim, se o fim último de cada ação humana é a felicidade, julgava ele que, através do exercício de pensar baseadas no uso da racionalidade, poderia se chegar à vida boa. Dizia que a contemplação (pensamento racional acionado), aliada a outras ações virtuosas, acrescidas de bem-estar material, seriam suficientes para a felicidade dos homens. (Ibidem, p. 23, grifos do autor).

Com a conquista da Grécia pelos macedônios em 322 a.C., entram em cena as filosofias helenísticas. A felicidade enquanto bem público; consciência moral e participação

política (bem comum), sai de cena dando espaço para a vida privada. Paz de espírito, vida interior, felicidade como valor individualizado era as máximas deste pensamento.

De um modo geral, os pensadores da chamada filosofia helenística, notadamente Epicuro [341-271 a.C.], o (filósofo do prazer); e Zenão de Cício [335-264. C.] (o filósofo do dever), por exemplo, exortava as pessoas a fugirem dos perigos da vida política. (COTRIM; FERNANDES, 2013, p.230).

Pirro de Élide, (365-275 a.C.) para quem as coisas se dão a conhecer somente por aparências, recomendava ao homem que pretendesse viver feliz e em paz que suspendesse o juízo; isto é, que desfrutasse somente daquilo que os sentidos captam.

Já Diógenes de Sínope, (413-327 a.C.) também chamado de o “Sócrates louco” questionava os valores e as convenções sociais; levando ao extremo a máxima socrática de autoconhecimento e desprezo pelos bens materiais. A frugalidade de uma vida simples, somada a princípios e valores morais, seriam para ele a base da felicidade. (Ibidem p. 331 grifos do autor).

Vamos nos deter e aprofundar as explicações de Epicuro, já que a nosso ver elas propõem um caminho deleitoso para a felicidade. Dizia ele que a felicidade está no prazer e na satisfação dos desejos. O filósofo acreditava que o homem busca o prazer para fugir da dor, para ser feliz; porém, a dor maior do ser humano é o seu caminhar para a morte; que lhe provoca um vazio existencial que parece o buraco negro que devora a satisfação de todos os desejos usufruídos. Ele ainda explica que, o homem deve ter sabedoria para distinguir diversos tipos de desejos, a saber: a) naturais necessários (comer, dormir); b) naturais desnecessários (ter luxo ou supérfluos); não naturais e desnecessários (riqueza, fama e poder). (Ibidem p. 24; 25).

É interessante a solução dada pelo filósofo quando simplifica que a nossa infelicidade é gerada pela carência do prazer; mas, que também não se consegue experimentar todos eles; cabendo aos humanos fazer a distinção entre prazer e dor. Por outro lado, é intrigante também compreender que o ser humano deve fazer escolhas coerentes “dentro dos prazeres”; pois do resultado dependerá sua felicidade. Desta forma o prazer pode trazer a felicidade imediata, mas conseqüentemente no futuro dores e sofrimento. Mas, será que o ser humano consegue fazer escolhas coerentes ser feliz, ser feliz na simplicidade num mundo de infinitas possibilidades?

4 Ética cristã; iluminismo e felicidade existencialista

Teria sido a religião cristã a responsável por trazer novos pensamentos sobre a felicidade. “Os filósofos fracassaram tanto em definir a felicidade como também indicar um caminho para a mesma”. (VOLOTÃO 2015, p. 31). Impraticável nesta vida, a felicidade é colocada como galardão no além-mundo. A civilização ocidental e, particularmente o cristão é mobilizado a buscar a vida feliz, pós-morte por meio do sofrimento na vida terrena. (ibidem 31).

A imensidão dos mistérios divinos compreendidos e aceitos somente pela fé interdita a vida feliz terrena. A oblação e o sacrifício de si mesmo são condições para a “consolação”. Isolado de sua condição social, tendo a subjetividade grande relevância o homem encontra em Deus a fonte da felicidade.

Se no entendimento cristão, o sofrimento e a dor são exaltados como necessários para a plenitude em outra vida; o Existencialismo como pensamento contemporâneo, portador de uma visão digamos, até certo ponto dramática da vida; e, que tem na existência humana o objeto fundamental para suas reflexões objetiva aquela. É dada grande subjetividade ao indivíduo na ética cristã; nela o sofrimento, as dores e as privações são caminhos necessários para a felicidade. Por outro lado, para as concepções existencialistas o ser humano é compreendido como uma realidade imperfeita, aberta e inacabada; sem liberdade plena; sujeito aos sofrimentos, às dores, aos fracassos e às angústias da morte. Se como nos diz Sartre (1980), “A existência precede a essência”, é o próprio homem quem constrói os sentidos da vida, e, por conseguinte da própria felicidade. Assim, não podemos ignorar o sofrimento humano, a angústia interior, a exploração social. É preciso considerar esses aspectos adversos da vida (não como recompensas no porvir); mas, encará-los neste plano; a fim de superá-los, buscando crescimento e contentamento por estar vivo.

A natureza submete tudo o que vive ao jugo de duas exigências fatais: manter-se vivo e reproduzir a vida. Nada escapa. Do protozoário unicelular ao autodesignado Homo sapiens, a preservação do indivíduo e a perpetuação da espécie constitui o mínimo denominador comum da subsistência biológica. Por que é assim, ninguém sabe. O que parece claro é que o risco da extinção é comum a todas as espécies e nem todos os seres vivos tem a mesma facilidade em satisfazer os imperativos de sobreviver e procriar. As condições ambientais mudam ao sabor das forças aleatórias e os poderes de um organismo nem sempre corresponde às demandas definidas por suas necessidades vitais. A natureza pode ser prodiga, mas não faz concessões. (GIANETTI, 2002).

A partir da Idade Moderna, a “era das luzes” colocará a possibilidade da total felicidade humana, na racionalização e nas convicções do poder da ciência. Através da racionalidade, entendida aqui, como razão científico-controladora; seria possível uma dominação tanto da natureza quanto do próprio homem. O avanço das ciências experimentais que culminaria com a Revolução Científica, e o Iluminismo (século XVIII); desembocaria por fim no Positivismo (séculos XIX). Assiste-se agora o avanço da industrialização, do conhecimento técnico, dos valores de progresso transcultural; todos, confiantes de que a razão seria suficiente para a emancipação e desenvolvimento humano (felicidade).

Na aurora do pensamento moderno, sob o efeito inebriante da “tripla revolução” (científica, industrial e francesa), a crença no progresso foi aos céus. A equação fundamental do iluminismo europeu pressupunha a existência de uma espécie de harmonia preestabelecida entre o progresso da civilização e o aumento da felicidade. (GIANETTI, 2002, p. 11).

Sabe-se que o avanço técnico científico; com todas as suas inovações tecnológicas e, promessas auspiciosas de um mundo melhor, ou de um “homem feliz”, não teria cumprido tais expectativas. Circunstâncias que na prática, mostraram-se interesseiras, obscuras, e dominadoras criando a exploração e escravização do gênero humano, em todos os seus sentidos.

A racionalização e a mecanização, doravante instituídas, seriam as antíteses da felicidade. Valores funestos, intuídos precocemente e criticados com propriedade pelo Romantismo (século XVIII); que exaltando a importância das paixões e dos sentimentos, alertava para o perigo da perda da expressão plena humana; os sentimentos.

A criação da Psicanálise por Sigmund Freud (1856-1939), na passagem do século 19 para o século 20; será o marco mais importante para compreensão da mente e do ser humano. Foi a partir do seu entendimento que se formularam algumas concepções do inconsciente como parte integrante da nossa personalidade; (dominador preponderante da vida psíquica). As interpretações freudianas decretarão o fim da hegemonia da razão nos assuntos humanos. Sua compreensão distintiva entre consciência e psiquismo, criará um farto conjunto teórico que aborda desde a sexualidade com sua dinâmica até as estruturas do aparelho psíquico humano, (Id; Superego e Ego).

Como impedientes, à realização, existe um antagonismo entre as exigências da pulsão e os anseios da civilização. Sobre os propósitos da existência humana plena (feliz), ele nos adverte, “a questão do propósito da vida humana já foi levantada várias vezes; nunca, porém, recebeu resposta satisfatória e talvez não a admita”. (FREUD, 2011, p. 9). Para a

psicanálise freudiana, a felicidade seria a satisfação repentina e episódica de certas demandas, ele nos lembra, que:

O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito, provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela produz tão-somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas. (Do Mal-Estar da Civilização. Grifos do autor).

Algo durável e prolongado; portanto, deverá ser tomado como contentamento; nunca como felicidade. O propósito da vida dá-se pelo programa do princípio do prazer intermitente. Como bem nos lembra; talvez, o equívoco das pessoas, esteja na compreensão de que a felicidade seja uma condição duradoura. “Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer”. (Ibidem, p. 9).

Referindo-se ao mal-estar causado pelas interdições civilizacionais, INADA, (2011, p. 10) esclarece que, “para Freud, o mundo externo, que pode nos destruir através das forças da natureza, e o corpo, o qual está condenado à decadência, constituem as duas outras fontes de sofrimento, além daquela referente aos relacionamentos humanos. Enquanto os relacionamentos humanos estão regulados de acordo com a vontade dos homens, o mundo externo e o corpo são considerados fontes de sofrimento inevitáveis. Segundo Freud, “Nunca dominaremos “completamente a natureza”. Nosso “organismo; ele mesmo parte dela, será sempre uma forma que perecerá limitada em sua adaptação e operação”.

Prosseguindo, relacionaremos felicidade na atualidade e consumo. Pura, oniomania⁵? Alegria inquestionável, ou indizível prazer pela vida?

5 A felicidade na lógica do consumo

Em tempos liquefeitos, o consumismo tornou-se o ethos da felicidade; a melhor expressão da felicidade terrena. A oniomania como pressão social, dá o tom da felicidade contemporânea. Através da imposição persuasiva, consome-se freneticamente produtos, bens

⁵ Onomania. No texto, refere-se ao consumo ou hábito exagerado de comprar. https://www.google.com.br/search?sclient=psyab&biw=1094&bih=487&q=onde+est%C3%A1+a+frase+a+existencia+precede+a+essencia&oq=onde+est%C3%A1+a+frase+a+existencia+precede+a+&gs_l=hp.1.0.33i22i29i30k1.4699152.4714271.19.4717198.58.49.1.0.0.0.513.13821.1j0j21j20j2j1.45.0....0...1.1.64.psyab..14.36.10859...0j0i67k1j0i131k1j0i22i30k1j33i160k1.jnsMC_3yRLg&pbx=1&cad=cbv&bvch=u&sei=c2WRWKRdHsaewgSi-b7gDg# Acesso em 29/01/17.

e mercadorias; e todas as facilidades e prazeres hedonistas que o dinheiro possa comprar. Em outras palavras, é o consumo privado que legitima o modo de vida feliz, ou de estar feliz.

A vida feliz nesta lógica, também é proveniente da extensão do mercado à esfera da vida (das relações sociais); e, ao grande avanço nas áreas de informática e de tecnologia da informação e da comunicação (TIC's); e das mídias de entretenimento, criando uma espécie de quarto poder definida como “Bios Midiática”. Este poder midiático instituído, supõe a ação sedutora das mídias sobre a sociedade e a cultura contemporânea; e é a “boca do Mercado”; fala em seu nome numa linguagem que nos soa familiar. Embalados pelo mercado, valores como o protagonismo individual, o hedonismo, a ganância, a ostentação, dentre outros estimulam a prática do consumo desenfreado colocando-se como padrões (disponíveis) a serem seguidos (consumidos). SODRÉ, (2002, p. 25; grifos do autor).

Sabe-se, que dentre as várias fontes de felicidade cobiçadas pelo ser humano, está o desejo dos bens materiais e da riqueza. Muitos que a alcançam vaga na busca de status sociais, de glória e poder. Para consegui-los, o ser humano é capaz de tudo. Esta fonte de felicidade, numa espécie de reminiscência instiga, aquele espermatozoide vencedor do início. Ele quer ser o melhor vencedor derrotando a todos. Cumprindo sua meta, não se importa em quando oportuno em parasitar, já que necessita; por uma questão ilusória de sobrevivência, estar no topo. Consumir, ostentar, dominar; eis, os imperativos da felicidade contemporânea.

6 O triunfo da vida feliz: a felicidade possível

Na contemporaneidade, e ao longo dos anos os projetos de vida humanos vêm, perdendo o vínculo com o que se poderia considerar, valores universais; ideais coletivos, ou utopias generalistas. A ausência de um projeto consciente e realístico de felicidade apresenta o hedonismo como caminho possível às realizações e à felicidade humana; este, por vezes mostra-se tortuoso e contraditório; dissolvido numa ideia de felicidade difusa e inalcançável. Para os planos de realização frustrados, resta ao indivíduo seduzido pelos imperativos da felicidade recorrer a uma intercambiação entre o gozo e a felicidade; expressa pelo prazer; e mais precisamente pelo desejo da comida e do sexo.

Simbólica e paradoxalmente, mesmo contraditórios a realização destes desejos, suprem sua necessidade real de sobrevivência; pois o ser humano quer existir de qualquer forma, e sua prole garantirá que seu código genético viva eternamente. A vida o conduzirá ao prazer de sentir, e, também ao prazer de se autodestruir.

A felicidade nos falta; a felicidade está perdida. Por quê? Temos de partir do desejo. Não apenas porque "o desejo é a própria essência do homem", como escrevia Spinoza, mas também porque a felicidade é o desejável absoluto, como mostra Aristóteles, e enfim porque ser feliz é - pelo menos numa primeira aproximação - ter o que desejamos. (SPONVILLE, 2001, p. 12).

A satisfação de desejos nunca alcançados instiga o ser humano na busca de prazeres compensatórios; - ele precisa distrair-se das suas carências e da falsa ideia de que está no controle da sua vida; - por isso, como válvula de escape vê-se impelido pela vontade inconsciente de experimentar ou de metaforicamente comer a vida com uma colher enorme bamboocha⁶. A felicidade, neste aspecto constitui-se numa ilusória e necessária fuga.

Neste ponto, um questionamento se impõe sobre a felicidade. Seria possível uma felicidade resultante da realização de todos os desejos? Em caso afirmativo, esta condição não geraria nova dor, ou novo sofrimento pela presença incômoda e constante do tédio?

“(...) a falta e a frustração são as causas do sofrimento [da infelicidade]; mas, e quando o desejo é satisfeito”? Já não é sofrimento, uma vez que já não há falta; tampouco é felicidade; uma vez que já não há desejo. É o que Schopenhauer, (1788 -1860), chama de tédio, que é a ausência da felicidade no lugar mesmo da sua presença esperada. (Ibidem, p. 15, grifos do autor).

Dentre todos os desejos de contentamento; o que deveria estar no topo das prioridades é a saúde. Muitos a destrói; buscando outros desejos e prazeres; mas, quando a perde, lá se esvai toda a felicidade acumulada; seguida da sensação angustiante, (atavismo instintivo), que frequentemente o faz lembrar, que os fracos são derrotados e está mais próximo da morte).

A hipervalorização da felicidade hedônica ou oniomaníaca abre mão de outros valores tão caros à realização humana, como o desejo de amor e de amizade. Muitos acreditam que tais atributos podem vir automaticamente com os bens materiais e a riqueza. O ser carente vive na dúvida cruel sobre o amor, nem sabe mesmo porque deseja ou ama o que deseja; o amor e apego das suas carências e desejo; o excita a continuar na busca constante daquele prazer que será o único mais o que preencherá do seu vazio existencial.

Ainda sobre o vazio existencial humano, é oportuno dizer que tanto Platão quanto Epicuro, equilibram os desejos com a ideia do controle. Platão, afirma que o ser humano é essencialmente alma tripartida: a alma do desejo, das paixões e racional; - sendo que a alma

⁶ Bamboocha. É uma expressão que significa comer a vida com uma colher grande; (aproveita-la). O termo refere-se à campanha publicitária encomendada pela Coca-Cola para o refrigerante Fanta, em 2006 e pretendia falar a língua dos adolescentes. Disponível em: <https://coisadepretto.wordpress.com/2009/06/25/beba-fanta-fique-bamboocha-pior-propaganda-do-brasil/>; https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#. Acesso em 30/01/17

racional deve comandar, controlar e conduzir as outras almas. Para controlá-las o melhor caminho seria a dialética e ginástica. Resumindo, as paixões e os desejos poderiam ser controlados pela mente e pelo corpo; cansa-se o corpo ou satura-se a mente com questionamentos e conhecimento. Eis na sua concepção, uma perspectiva tanto para o tédio do vazio existencial como para a obtenção da felicidade legítima.

Acrescentemos a isso, uma compreensão de que a felicidade está no aqui e agora; e, o futuro é algo incerto, - consequentemente faltoso. Talvez, Sócrates tenha razão em insistir numa condição de felicidade humana pautada na compreensão de sua natureza. “Conhece-te a ti mesmo” é assim a porta que se abre para a vida mais autêntica e consequentemente mais feliz. Com o autoconhecimento adquire-se o controle necessário para impedir os desejos e as paixões compulsivas; prevenindo a infelicidade de viver em companhia do tédio, após a experiência da felicidade provisória. De repente, seja por isso que a relação mais procrastinada, falaciosa e categórica seja a do autoconhecimento; pois é uma luta travada do eu, consigo mesmo. Mas é neste exercício constante de autognose que, reside a felicidade mais autêntica; menos, dada aos equívocos ou desapontamentos.

7 Considerações Finais

Chegamos ao final deste estudo com poucas certezas, permeadas a muitas imprecisões. É ponto passível de aceitação que o desejo de felicidade nunca se extingue do coração humano; que existe o desejo crescente de encontrá-la, de vivenciá-la.

Compreendemos que a felicidade sempre teve um caráter múltiplo e fugidio sendo, pois impossível conceituá-la ou restringi-la a um só significado ou concepção.

Tal entendimento, nos leva a afirmar que, seria pouco provável que a condição feliz fosse alcançada por imposição social, ou, por intermédio de receitas e fórmulas prontas do bem-viver; ou quiçá, intermediadas pelas máximas da sabedoria da autoajuda.

A felicidade é um empreendimento particular de cada indivíduo. Como fenômeno social-psíquico, histórico e especulativo sempre fez parte das aspirações humanas. Teoricamente, foi tratada sob a perspectiva da moral, da virtude, do prazer comedido, da moderação dos desejos, da posse de bens e do consumismo, da contemplação, da racionalidade e do conhecimento.

Vimos que a busca pela felicidade está condicionada ao desejo de “ser”, de “existir”; ou seja, pela validação coerente do eu; todavia nem sempre é fácil atingir este estado.

Diante das fórmulas mágicas que vendem a ideia de uma felicidade “embalada para viagem”, venal e associada ao consumo, fica a impressão de que as pessoas somente serão felizes se atenderem a tais expectativas. Buscamos entender, o quanto a felicidade se mostra como uma necessidade humana; e, que por sua grandeza e significação, deve fugir das obrigações das crescentes imposições sociais.

A ideia aqui auferida reconhece a existência legítima de um “estado de felicidade” transitório, que jamais se coloca como uma conquista definitiva. Trata-se de momentos singulares favorecidos por um estado de conforto e bem-estar emocional, com certa duração.

Se valida também, a convicção de que, cada pessoa precisa refletir e encontrar sua composição ideal de felicidade, através do autoconhecimento; o que significa buscar em si mesmo as respostas.

Com relação aos determinismos, às complexidades e aos dilemas das “escolhas felizes”, cumpre esclarecer que, a infelicidade do homem pode não estar relacionada somente a suas escolhas; mas, à própria limitação da vida humana. Depreende-se, que não há sabedoria em viver intensamente tudo aquilo que se deseja, pois, a própria vida se encarrega em promover as experiências e as consequências negativas das escolhas.

O ser humano vive na descrença do limite ilusório das vitórias alcançadas; onde constantemente, empreende novas buscas, e oportunidades para ser feliz. Sua fuga do sofrimento, da realidade, (ou da morte), promove sempre momentos de crise existencial e a sensação de que ainda não viveu o bastante para ser feliz.

Ser feliz é uma incomparável possibilidade existencial. Em cada momento da vida, em cada circunstância vitoriosa ou de vicissitude, reside tanto uma oportunidade para crescimento e contentamento; ou, de reflexão do lugar da subjetividade no processo evolutivo; posto que, na existência autêntica está o verdadeiro sentido da felicidade humana.

REFERÊNCIAS

- COTRIM, Gilberto; FERNANDES, MIRNA. **Fundamentos de filosofia**. São Paulo: Saraiva, 2013.
- SPONVILLE, André Comte. **A felicidade, desesperadamente**. São Paulo: Martins fontes, 2010.
- FREUD, Sigmund. **Do mal-estar da civilização moderna**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

INADA, Jaqueline Feltrin. **Felicidade e mal-estar na civilização**. (Artigo) - Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 74-88. Disponível em: <http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/vol6_1/06_01_06felicidademalestarciviliz.pdf>. Acesso em 31/01/17.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIANETTI, Eduardo. **Felicidade**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

VOLOTÃO, Amanda. **O modo Coca-Cola de ser feliz** - ideais de bem viver nas campanhas publicitárias dos anos 1960 e 2000. Data da defesa, 2015. 164 páginas. (Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro – RJ. Disponível em:

<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiqqueh4PLRAhUEDpAKHR4UDpcQFggaMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.pos.eco.ufrj.br%2Fsite%2Fdownload.php%3Farquivo%3Dupload%2Fdisserta_avolotao_2015.pdf&usg=AFQjCNFeQppweKRf5n-Whxc5PwPqGYGJzQ&sig2=MAxRWX7jMODaWbhy9vEQ&bvm=bv.146094739,d.Y2I>

. Acesso em 29/01/17.